EAESP/FGV
BIBLIOTECA KARL A. BOSDECKER
PERIÓDICOS

Aprender é preciso



Jorgino Pompeu Júnior

Formado pela Escola de Agronomia de Piracicaba, São Paulo, em 1965, Jorgino Pompeu Júnior, 59, há 30 anos desenvolve pesquisas na área de melhoramento de citros. Hoje ele é presidente da comissão técnica de citricultura da Secretaria de Agricultura de São Paulo e presta consultoria a inúmeras instituições, entre elas a Fundação de Amparo à Pesquisa, o Conselho Nacional de Pesquisa e a Embrapa. O trabalho mais importante ele faz no Centro de Citricultura Sylvio Moreira, o único do país especializado em citros. Jorgino é chefe de pesquisa e desenvolvimento. "Trabalhar com pesquisa neste país é uma arte", afirma.

Administrando os recursos do centro, que segundo ele não são muitos, Jorgino enfrenta os problemas da citricultura com otimismo. Acredita que trabalhar com citros continuará sendo um excelente negócio para quem o fizer bem. "O maior desafio não cabe só aos pesquisadores, mas aos produtores, que precisam de mais profissionalismo nas lavouras", acrescenta. O país, que já ganhou dinheiro fácil com a citricultura dos anos 80, precisa agora correr contra o tempo para administrar os prejuízos decorrentes da falta de investimento na pesquisa. Nesta entrevista a Agroanalysis, *Jorgino Pompeu fala sobre os caminhos da pesquisa em citros no Brasil, sobre as pragas que desafiam os pesquisadores e sobre as tendências de mercado.*

■ *Como se deu a criação do Centro de Citricultura Sylvio Moreira?*

— O centro é o resultado da fusão ocorrida em 1993 dentro do Instituto Agronômico de Campinas entre uma estação experimental e uma seção técnica de citricultura. A vantagem disso foi concentrar num local só todos os pesquisadores de citros, o que representou agilidade e economia para a pesquisa.

■ *E a criação do Fundecitrus (Fundo Paulista de Defesa da Citricultura)?*

— Com a chegada do cancro cítrico a São Paulo em 1957, a Secretaria da Agricultura achou que a melhor maneira de controle era arrancar as plantas doentes, mas não tinha recursos para isso. Em 1977, citricultores e industriais se uniram e criaram um fundo que deveria financiar a secretaria para a campanha de erradicação e prevenção. O Fundecitrus, portanto, nasceu de uma necessidade de apoio financeiro à Secretaria de Agricultura. Hoje ele se expandiu e presta outros serviços ao produtor, como cursos de reconhecimento de doenças, de pragas, cursos de adubação. O dinheiro para isso vem de uma contribuição de R$0,005 do citricultor e do industrial por caixa de laranja processada na indústria.

■ *Quais as fontes de financiamento de que a pesquisa em citricultura dispõe hoje no Brasil?*

— O maior financiador ainda é o Estado, porque paga a maioria dos salários. Mas existem recursos que vêm de outras entidades que financiam a pesquisa: a Fundação de Amparo à Pesquisa, o Conselho Nacional de Pesquisa, que é do governo federal, o Banco do Brasil, o Fundecitrus e outros.

■ *Qual seria a previsão de orçamento destinado à pesquisa em citricultura este ano?*

— O Fundecitrus deve destinar algo em torno de R$700 mil; dos outros é difícil dizer.

■ *Até que ponto e de que forma, os institutos de pesquisa fitossanitária contribuíram para a consolidação do setor?*

— Quase toda a tecnologia hoje usada pelo produtor em termos de variedades, adubação, controle de pragas é gerada por um centro de pes-

quisa. Podemos dizer que a citricultura existe praticamente porque existiram os centros de pesquisa. O maior deles sem dúvida somos nós. Outro também muito bom na parte de doenças é o Instituto Biológico de São Paulo, também da secretaria.

■ *Quais as três principais doenças cítricas hoje em dia e em que ponto se encontram as respectivas pesquisas?*

— A mais séria é a clorose variegada dos citros (CVC), conhecida por *amarelinha*. Importantes também são a leprose e o cancro cítrico. A *amarelinha* está sendo estudada principalmente em termos de resistência de variedades, a maneira mais barata de controlar a doença. Temos uma coleção de citros que é uma das maiores do mundo, quase 2 mil tipos de laranjas, tangerinas e limões; uma parte está plantada na região mais afetada pela doença, e estamos avaliando o prejuízo causado a essas variedades. É provável que se consiga maior resistência de algumas delas. O controle que vem sendo usado é a poda dos ramos doentes. Já o cancro cítrico nós temos sob controle, através da erradicação das plantas doentes. O produtor é que está falhando na prevenção, que se faz percorrendo o pomar e descobrindo a primeira planta doente. A leprose é mais fácil de controlar, porque é transmitida por um ácaro bem conhecido contra o qual existem eficientes inseticidas.

■ *Por que a* amarelinha *preocupa tanto?*

— Porque essa bactéria afeta todas as laranjas que temos plantadas, circula dentro da planta. É difícil de controlar e, o que é mais complicado, tem o inseto vetor, a cigarrinha, que passa a bactéria de uma planta para outra. O controle para essa doença ainda não existe, porque não temos informações sobre que variedades resistem a ela. Um levantamento do Fundecitrus registrou a doença em cerca de 82% dos pomares. A coisa é séria.

■ *O clima pode ter alguma influência?*

— Provavelmente sim, porque na região mais quente do estado o problema é muito mais grave do que aqui na região de Limeira. Ou o clima favorece a reação da planta, ou dificulta a ação do vetor, a cigarrinha.

Durante 10 ou 15 anos o citricultor ganhou muito dinheiro com laranja e não tinha preocupação com a pesquisa. Por que teria? O produtor nem precisava colher: a indústria colhia, transportava e depois pagava. Agora o produtor tem que arcar com a colheita e o transporte.

■ *Nos EUA, os institutos de pesquisa fitossanitária pertencem às universidades. O senhor acredita que, se isso acontecesse no Brasil, haveria maior benefício à citricultura?*

— Não só para a citricultura como para a agricultura em geral. O esquema que conhecemos melhor é o da Universidade da Flórida, ensino, pesquisa e extensão. Todo o pessoal envolvido com a agricultura da Flórida pertence à universidade. São três níveis — o professor, o pesquisador e o extensionista — em igualdade de condições com o produtor, dentro do mesmo padrão salarial, do mesmo grupo de pessoas. Não existe divisão entre eles. Os contatos são mais fáceis. Se isso acontecesse no Brasil, certamente as pesquisas estariam mais avançadas. Haveria mais integração, mais troca de informações. As respostas para as doenças poderiam ser encontradas muito mais rapidamente.

■ *De julho de 1995 a janeiro último, as exportações brasileiras de suco de laranja arrecadaram US$678 milhões, o que mostra a pujança deste setor. Por outro lado, não são poucas as pessoas que se preocupam em apontar um verdadeiro calcanhar-de-aquiles da citricultura brasileira no atraso da pesquisa fitossanitária. Qual a sua opinião a respeito?*

— Isso é uma realidade. Estamos vivendo o exemplo da CVC e de outras doenças. O grupo de pesquisadores envolvidos com pesquisa agrícola, não só em citros, é muito pequeno. Para formar e treinar um pesquisador são precisos no mínimo cinco anos. No caso da CVC, por exemplo, se quisermos estudar a fisiologia de uma planta doente, o que acontece com uma planta doente, não temos fisiologistas em citros. Para formar um, temos que mandar alguém para o exterior, onde terá que ficar dois, três ou mais anos. Temos poucos bacteriologistas específicos. Portanto, nosso calcanhar-de-aquiles é mesmo a pesquisa.

■ *E como reverter esse quadro? É possível?*

— Sim, mas precisamos de recursos, de preferência na forma de convênios, de acesso rápido. Uma conta de que se pudesse retirar dinheiro quando preciso. As contratações que dependem do Estado também são muito lentas, sem contar que através de convênios é possível dispensar o pesquisador que não apresenta um bom trabalho. Pelo menos nós, do Centro Sylvio Moreira, conseguimos credibilidade junto aos produtores. Passamos de quatro para 13 profissionais num período de três anos, graças aos convênios, como Fundecitrus, CNPq etc. Mas os recursos não resolveriam todos os problemas. A exemplo do que acontece aqui, os demais centros de pesquisa têm que definir prioridades. Nunca vai haver dinheiro para tudo, e a grande falha das outras instituições é depender quase exclusivamente do Estado, sem priorizar as culturas.

■ *Esse atraso na pesquisa já estaria comprometendo a produção brasileira?*

— Já está comprometendo, porque causa perda de pomares, perda de produção, aliada ao receio por parte do produtor de aplicar numa cultura que tem problemas sérios de controle. Isso diminui produtividade, aumenta custos e não vamos esquecer que a Flórida, que considerávamos derrotada devido às geadas, hoje é novamente o segundo produtor de citros no mundo, e talvez daqui a um ou dois anos passe a exportadora de suco, com uma produtividade duas vezes maior que a nossa.

Produzimos suco e esquecemos que existem 120 milhões de brasileiros que devem consumir laranja. Existe um mercado fantástico aqui dentro sem barreiras alfandegárias e, em conseqüência disso, podemos ter um povo mais saudável.

■ *Diz-se que o rápido crescimento da citricultura paulista nos anos 80 foi em parte prejudicial para o setor, na medida em que os altos lucros gerados levaram a um descaso em relação à necessidade de se manter em dia a pesquisa fitossanitária em citros. O senhor concorda com esta afirmação?*

— Sim. Durante 10 ou 15 anos o citricultor ganhou muito dinheiro com laranja e não tinha preocupação com a pesquisa. Por que teria? Além disso, a maneira de comercializar a fruta era muito favorável, o produtor nem precisava colher: a indústria colhia, transportava e depois pagava. Isso agora mudou, o produtor tem que arcar com a colheita e o transporte. Então, os produtores que nunca se preocuparam em usar o mínimo de tecnologia estão ficando para trás. E não há perspectiva de melhora de preço a curto prazo. A realidade hoje é que apenas 10% dos citricultores utilizam toda a tecnologia disponível, 40% fazem as coisas razoavelmente bem e existem 50% que, eu acredito, vão desaparecer. Estes produtores só produziram até hoje porque a indústria pagava muito bem e não se preocupava muito com a qualidade da fruta. Não são muitos os citricultores que vêm até aqui em busca de informações. Falta profissionalismo a pelo menos metade dos produtores. A informação existe, só é preciso procurar.

■ *À medida que aumentam as dificuldades para a exportação do suco de laranja, surgem vozes apontando a oportunidade de se explorar o nicho representado pela exportação da fruta* in natura. *Aí se esbarra na baixa qualidade de nossa laranja, conseqüência do mencionado descaso para com a pesquisa. O senhor acha que este atraso ainda é recuperável?*

— Sempre vamos pagar o preço de estarmos atrasados. Nossa fruta *in natura* é boa, mas faltam condições favoráveis de clima. Poderíamos resolver isso a longo prazo, 30 ou 40 anos talvez. Por causa do clima, a nossa fruta nunca será tão boa quanto a produzida no hemisfério norte, e isso nos deixa em segundo plano no mercado de fruta fresca. Aproveitamos a falta da fruta nos países produtores e entramos na entressafra. Por outro lado, esquecemos um mercado fantástico que é o mercado interno. Produzimos suco e esquecemos que existem 120 milhões de brasileiros que devem consumir laranja. Começamos a descobrir isso praticamente no ano passado, quando a laranja esteve mais barata do que nunca e o consumo da fruta foi também mais alto do que nunca. Tomara que os preços continuem baratos, porque haverá contínuo abastecimento pelo menos durante o ano de 1996 para esse povo que começou a sentir o gosto da laranja. Ele precisa ficar viciado em laranja. Hoje existe nas estradas uma quantidade de garrafas de plástico e de maquininhas de extrair suco que não se viam há dois anos. Existe um mercado fantástico aqui dentro sem barreiras alfandegárias e, em conseqüência disso, podemos ter um povo mais saudável.

Entrevista de Tatiana Nascimento

Difusão da clorose variegada dos citros de São Paulo para outros estados



Fonte: *Laranja: Revista Técnico-Científica de Citricultura.*